

ULRICH BECK: 1944-2015

João Carlos Soares ZUIN¹

Em 1840, Frederico Guilherme IV assumiu o trono da Prússia e promoveu uma profunda restauração dos valores conservadores teutônicos e acirrou a política de censura e perseguição aos valores e aos intelectuais vinculados à Revolução Francesa, ao jacobinismo e ao bonapartismo. A política que restaurou o cristianismo, celebrou o romantismo, suprimiu a lei do divórcio, censurou os jornais, impôs um profundo perigo pessoal para os intelectuais vinculados aos valores filosóficos do Iluminismo e da Revolução Francesa. No início de 1841, com o pseudônimo Friedrich Oswald, Friedrich Engels publicou no jornal *Telegraph für Deutschland* diversos artigos voltados à reflexão da conjuntura política nacional e europeia, bem como à batalha cultural e política que se desenvolvia dentro da filosofia alemã após a morte de Hegel. No artigo intitulado *As "Memorabilien" de Immnermann*, analisando o sentido da memória, percepção e avaliação dos fatos e acontecimentos históricos na vida e na produção teórica um importante intelectual, concluiu a reflexão acerca do papel do intelectual no tempo presente, dizendo que:

A velha geração literária está morta, os jovens tomaram a palavra. O nosso futuro depende mais do que nunca da geração que está crescendo, porque ela deverá decidir os contrastes que são cada vez mais agudos [...] Quem tem medo da densa floresta onde está o palácio da ideia, quem não caminha com a espada e não desperta com um beijo a princesa adormecida, não é digno dela e do seu reino; pode vir a ser um padre no campo, comerciante, vereador ou qualquer outra profissão, casar e gerar filhos com toda devoção e decoro, mas o século não o reconhece como seu filho. (MARX, ENGELS, 1975, v.2, p.169).

Para o jovem Engels, a nova geração deveria assumir a tarefa de compreender o sentido do tempo histórico, produzir novos conceitos capazes de revelar as contradições existentes na realidade social e despertar no leitor a consciência ativa e o desejo de participação nas lutas sociais de seu tempo presente. No curso aberto pela filosofia de Kant e Hegel, a nova geração deveria levar adiante a construção de novas indagações acerca do sentido da história, desenvolvendo a força teórica do criticismo na análise das novas figuras e formas de vida, das novas dinâmicas sociais que movimentavam e alteravam as instituições econômicas e políticas. O uso das metáforas da obra dos Irmãos Grimm expunha a

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Departamento de Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - zuin@fclar.unesp.br

importância do papel do intelectual no destino das lutas sociais e políticas do tempo presentes: 1) não se deixar seduzir pelas ilusões da razão pura e abstrata, efetuado a evasão da realidade; 2) participar das batalhas culturais e políticas do presente, contribuindo para despertar o indivíduo das antigas ilusões românticas e da mortificação do espírito no servilismo e no culto à autoridade; 3) enfrentar o medo e o perigo para poder conquistar a liberdade, a emancipação e a autonomia. Logo, refletindo e agindo, construindo novas categorias e ideias o intelectual teria o reconhecimento de ser um filho ativo e de estar à altura dos problemas seu tempo histórico.

Em 1904, Max Weber publicou o ensaio *A “objetividade” do conhecimento da ciência social e da política social*, no qual analisou as possibilidades da objetividade do conhecimento na investigação científica do agir humano em suas relações com a natureza e a cultura. Enfatizando a tarefa da sociologia em permanentemente dotar de sentido e significado o agir social, que sempre pode produzir novas movimentações e modificações aos valores e ideias, bem como, criar novas formas de vida e existência, novas formas de moralidade e novas instituições, Weber apontou diversos problemas cognitivos que as ciências da cultura e do espírito poderiam correr na análise dos fenômenos sociais e históricos. Em uma “época de especialização”, os cientistas acreditam que o ponto de vista analítico adotado e o percurso metodológico são capazes de revelar com perfeição o senso profundo das coisas, dos seres, das relações e dos processos, de modo que, tais procedimentos são adotados acriticamente como fontes de construção de verdades hiperurânias. Nas últimas linhas do ensaio, Weber problematizou os riscos que corre a ciência, que crê ser detentora de uma nova forma de verdade revelada, quando a realidade existente é profundamente modificada por novos impulsos e potencialidades criados pelo agir humano: Mas um dia torna-se incerto o significado do ponto de vista adotado irrefletidamente, e o caminho perde-se no crepúsculo. A luz dos grandes problemas culturais deslocou-se para mais além. Então a ciência prepara-se também para mudar o seu cenário e o seu aparelho conceitual, e fitar o fluxo do devir das alturas do pensamento. Ela segue a rota dos astros que unicamente podem dar sentido e rumo ao seu trabalho: “[...] desperta um novo impulso./ Lanço-me para server sua luz eterna./ Diante de mim o dia, e atrás a noite. Acima de mim o céu, abaixo as ondas.” (WEBER, 2003, p.127). A desorientação causada pela mudança na dinâmica cultural causada pelos novos valores e ideias, pelas novas forças produtivas e pelos novos meios de ação para obter riqueza e para concentrar mais poder, representava também o momento no qual a ciência deveria construir novas capacidades cognitivas para não apenas elucidar o motivo pelo qual houve a movimentação e a alteração da vida social, mas para aproveitar a oportunidade histórica e

saber ousar na contribuição dos processos sociais que poderiam engendrar uma nova formação social. Logo, a sociologia deveria ser capaz de desmitificar a realidade social, combatendo toda forma de rigidez que envolvia os fenômenos sociais, para assim, contribuir na dupla tarefa de ordenar e dotar de sentido a realidade social e colaborando com o destino da razão dentro do mundo da vida e das instituições. Se em uma época de densas modificações no senso da realidade social somente os antigos astros físicos poderiam manifestar a certeza e a convicção do que está por vir, conforme expressa a citação de Goethe, caberia ao exercício da ciência a construção de novas possibilidades de percepção e investigação social que ordenassem os fatos empíricos e os processos culturais através de novos conceitos que pudessem ajudar na orientação dos indivíduos em suas escolhas pessoais e coletivas.

Utilizo dois momentos históricos da modernidade e dois intelectuais de distintas formas de conhecimento e interesses políticos para situar a produção intelectual de Ulrich Beck. É possível dizer que o sociólogo da modernidade reflexiva, da individualização e da sociedade de risco desenvolveu uma teoria social que possui duas grandes similitudes com os precursores e fundadores da sociologia no final do século XIX e no início do século XX: 1) a coragem em enfrentar e problematizar a validade dos fundamentos metodológicos e dos conceitos existentes e construir novos pontos de vista e novas categorias para dotar de sentido os problemas do tempo presente; 2) o esforço intelectual em contribuir com o destino da razão na modernidade, analisando as novas possibilidades de existência de instituições sociais e políticas. A importância maior da sociologia de Ulrich Beck está no esforço e na coragem de enfrentar o desafio de rever as categorias e conceitos, os paradigmas e pontos de vistas, criados no curso da modernidade e dos processos de modernização sempre mais complexos e contraditórios, dinâmicos e criativos, paradoxais e ambivalentes, fantásticos e catastróficos, exuberantes e produtores de riscos desconhecidos desenvolvidos no século XX e XXI.

A produção intelectual que se esforçou em construir uma sociologia do tempo presente que fosse capaz de compreender e explicar as profundas movimentações e alterações ocorridas nos indivíduos, nas individualidades históricas, nas forças sociais, nos processos culturais e nas instituições sociais e políticas na segunda metade do século XX e no início do século XXI. Uma sociologia que colocou em questão os postulados analíticos e metodológicos desenvolvidos na sociedade civil nacional e industrial e no Estado-nação, e que interpretou os profundos abalos produzidos pelo fantástico desenvolvimento das forças produtivas materiais e pelos novos sujeitos históricos que expandiram e tornaram mais complexo o modo de produção capitalista e o processo civilizatório. No frenético processo

histórico posto em sempre maior aceleração com a queda do Muro de Berlim, com o fim da URSS e com a vitória potentíssima do capitalismo, a reflexão sociológica de Ulrich Beck contribuiu para dotar de sentido e significado os processos de individualização e globalização que produziram um poderoso incremento de incertezas e contingências, sensações difusas de perplexidades e medos, desagregações de seguranças sociais e convicções valorativas, pulverização de identidades e compromissos históricos.

No núcleo das investigações sociológicas dos processos de modernização está a percepção de que a modernidade geradora de forças e potências capazes de ampliar a capacidade do desenvolvimento social, de produção de riquezas materiais, de progressos técnicos e científicos, passou a ser também a geradora de problemas desconhecidos, riscos e incertezas, contingências e novas formas de catástrofes e tragédias. Os conceitos de modernidade reflexiva, segunda modernidade, sociedade de risco foram criados para expor as profundas mudanças ocorridas no mundo da vida – na formação do indivíduo, nas relações intersubjetivas, nos afetos e sentimentos, na construção da identidade pessoal e coletiva, na família, nas associações, no trabalho assalariado, no processo de trabalho e nas relações de produção – e nas instituições sociais e políticas. Para Beck, os processos de modernização expuseram as insuficiências teóricas e conceituais, as antinomias e os paradoxos da primeira modernidade, definida como a formação social composta pela sociedade estatal e nacional (que construiu no período de nacionalização das massas uma forma hegemônica de identidade coletiva e comunidade de destino), por estruturas coletivas (que possuíam a potencialidade necessária para formar identidades comuns e formas de solidariedade como os sindicatos e partidos políticos que disputavam no território nacional a hegemonia capaz de dirigir o curso da nação na história), pela política pública do pleno emprego (produzido através dos planos econômicos keynesianos e pelos direitos sociais e econômicos), pela expansão industrialização e ampliação da exploração da natureza através das conquistas técnicas e científicas. As transformações radicais na existência cotidiana do indivíduo, da pessoa, do sujeito e do cidadão em seus diversos papéis e funções sociais, construíram uma formação social no qual vigora o paradoxo da coexistência do “não mais” com o “não ainda”, uma época histórica que promove sucessivamente ambivalentes dinâmicas culturais.

Sua vasta e densa produção sociológica pode ser reunida em cinco grandes conjuntos de questões sociais: 1) o fenômeno da globalização econômica e política; 2) a individualização; 3) a precarização do trabalho; 4) a revolução na família e nos gêneros e 5) a sociedade de riscos ambientais, políticos, técnicos e científicos. Em cada um destes problemas sociais, Ulrich Beck procurou entender como o espaço social e o tempo histórico foram

movimentados e alterados pelas forças sociais e políticas que produziram um novo tipo de capitalismo e um novo processo civilizatório, cada vez mais diverso das fases e formas precedentes da primeira modernidade. Nos novos espaços da geografia social e nas novas geometrias do poder, a sociologia foi e é desafiada à tarefa de produzir uma nova teoria social capaz de efetuar a criticidade dos processos que geram o aumento vertiginoso da desigualdade (não apenas de renda, mas também de prestígio, reconhecimento, poder e direitos), do desemprego, da precariedade, da pobreza, da insegurança, do medo, da destruição do meio ambiente, da xenofobia, do racismo, do populismo, bem como, de contribuir para a possível construção de uma sociedade cosmopolita, capaz de superar os limites do nacionalismo bélico e agressivo, do imperialismo ocidental e das concepções de mundo unidimensionais da modernidade.

Há mais uma semelhança entre Ulrich Beck e os precursores e fundadores da sociologia: a vocação civil, o empenho civil e político, em escrever artigos que aproximavam a reflexão sociológica da individualização e da sociedade de risco dos leitores dos principais jornais europeus. Beck publicou dezenas de artigos nos jornais *Die Zeit*, *Frankfurter Rundschau*, *Der Spiegel*, *Süddeutsche Zeitung*, *La Repubblica*, *The Guardian*, *El País*, *Le Monde*, entre outros, promovendo uma prosa sociológica capaz de ser compreendida pelos indivíduos-leitores. Se no curso do Iluminismo e do Vormärz, o jovem Karl Marx em 1843 afirmava que a livre imprensa era “[...] o olho do espírito popular aberto para tudo ver, a crença incarnada de um povo em si mesmo, o nexos falante que une a pessoa com o Estado e o mundo, a cultura que se torna corpórea, que ilumina de espiritualidade as lutas materiais e idealiza o bruto aspecto terreno [...]” (MARX, ENGELS, 1975, v.1, p.164), a produção sociológica de Beck pode ser compreendida como o empenho civil e político de olhar para as novas formas de vida que ressignificam os espaços locais, regionais e nacionais, que habitam diversos espaços simultaneamente, que desenvolvem suas vidas em um espaço sempre mais transnacional, procurando estabelecer novas possibilidades de existência que superassem os limites do espaço cultural e político do nacionalismo xenófobo, bélico e agressivo. O cosmopolitismo sociológico que desenvolveu ao longo de sua produção intelectual representa o ponto mais alto de sua pensamento: o nexos entre o esforço teórico e o empenho civil e político de abrir novas possibilidades de existência e relacionamentos conscientes e responsáveis à altura da complexidade e da tragicidade da potencialidades existentes na modernidade em suas fases e formas e em seus processos de modernização econômicos, políticos e culturais.

REFERÊNCIAS

MARX, K.; ENGELS, Fr. **Opere complete**. Roma: Editori Riuniti, 1975. v.1-2.

WEBER, M. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. São Paulo: Ática, 2003.